

**OPINIÃO**da fonte **A-** **A+**

## Efeito da morte na equipe de saúde

04/06/2015

**Gláucia Rezende Tavares - Psicóloga clínica, Mestre em Ciências da Saúde, membro fundador do Apoio a Perdas Irreparáveis (API) e organizadora do livro "Do Luto à Luta"**

Há uma repulsa nos integrantes da equipe de saúde em falar de morte. Os avanços tecnológicos têm permitido ao ser humano escolher quando nascer e quando morrer. O curar passa a ser encarado como uma roupagem divina e não alcançá-lo é considerado como derrota da arrogância da formação profissional.

Diante da frustração dos profissionais perante os impedimentos à eliminação da doença é comum haver depressão, sensação de derrota e sentimento de impotência.

A alma da equipe de saúde sofre a partir da maneira de enxergar a sua tarefa. Se não há espaço para se elaborar a dor, o desejo de morte passa a ser uma opção. Não é fácil aceitar que não se pode curar.

Um dos caminhos de cura da alma dos profissionais de saúde é enfrentar a finitude. Os cuidados no contexto da doença podem e devem ser feitos de forma que vá além da técnica.

Cuidados Paliativos não é uma nova forma de lidar no contexto da doença, não é, também, uma nova especialidade dentro da equipe de saúde. É postura, é atitude, é olhar, não se restringindo à técnica. Carinho e afeto, fertilizadores da qualidade de vida, não podem ser substituídos pela evolução tecnológica.

A equipe de saúde deve desenvolver a arte de cuidar e acolher, além da busca da cura. Compaixão, amor e cuidado são antídotos ao sofrimento de não se poder curar, possibilitando o exercício do cuidar.

A ação é a de estar presente e atender à pessoa e não a doença. Tocar alguém, olhar no olho, chamar pelo nome, são ações que não roubam tempo. Essa forma de fazer cuidado pode ser distinguida como mudança social. A proposta tem força e apelo no mundo inteiro. Não é uma atitude paternalista e paralisante.

O juramento médico não se fixa em tecnologia. A ilusão de que se vai conseguir curar sempre elimina a possibilidade de morrer. A arrogância, o orgulho e a onipotência, advindos dessa ilusão, é véspera da humilhação, da sensação de impotência e contribui para o desenvolvimento da Síndrome de Burnout.

O que queremos curar? A ferida de Kirón o humanizou. Com a sua dor houve o desenvolvimento da sensibilidade para com a dor do outro. Isso não é dom, é responsabilidade. É viver na sua integridade, compatibilizando limites e possibilidades. É impossível essa travessia sem se mover com a dor do outro. A única maneira de não se sensibilizar é se fechar para a própria dor, adoecer e desistir de viver.

O cuidar é uma atitude complexa entre a arte e a ciência. A conquista da qualidade de vida, mediada pelos limites, é a busca primeira. É possível estar inteiro a despeito de enfrentar a constatação da nossa finitude. Olhar com compaixão o outro e receber esse olhar, estabelecendo interações amorosas, compartilhando do convívio humanizado. É o cuidado composto com a aceitação, com a humildade, com a acolhida, indo além da cura e das condições físicas, sem fugir da morte, chorando, indo a enterros e buscando a aprender de si.